

## A VOZ DE UM VIOLINO NA PERFORMANCE TEATRAL "A ATRIZ"

ESTEVÃO DE SOUZA SANTANA<sup>1</sup>; NINA GRACE FERNANDES BAPTISTA<sup>2</sup>;  
GISELLE MOLON CECCHINI<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – negogaribald@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – nina.greyce89@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – giselle.cecchini@ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade o compartilhamento de processos e aprendizados vivenciados por mim como violinista e discente do curso de música da Universidade Federal de Pelotas, ao inserir ao vivo o som do violino no monólogo teatral “A atriz”, realizado pelo Núcleo de Teatro UFPEL, no qual atuo como bolsista. A performance conta com Nina Grace interpretando a atriz, e tem a direção da professora Dra. Giselle Cecchini, também coordenadora do Núcleo, desde 2020.

O Núcleo de Teatro é um projeto estratégico de extensão, em diálogo constante com o ensino e a pesquisa, que teve início em 1995, sob a coordenação da professora Fabiane Tejada, ainda antes da criação do curso de Teatro-licenciatura da universidade. O projeto é vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) e, em 2025, completa 30 anos de atividades.

“A atriz” nasceu de uma adaptação feita a partir de um fragmento do texto “Galeria Cassandra”, de Patrícia Silveira, que integra o livro “Liberdade”, escrito somente por mulheres. É importante salientar que este livro foi vencedor do Prêmio Açorianos, na categoria Literatura, em 2024.

Por meio da extensão universitária, apresentamos a peça teatral “A atriz” em diferentes eventos. Em um país onde a arte foi silenciada e os artistas tornaram-se alvos de censura e perseguição, uma atriz retorna ao palco após anos de exílio. Entre lembranças de opressão e o desejo inabalável de existir através da arte, ela reflete sobre o papel do teatro, da liberdade de expressão e da resistência.

Na cena, de um lado, temos a voz da personagem da atriz, que se torna um eco de tantas outras vozes que foram caladas, enquanto se veste das figuras icônicas da dramaturgia para reafirmar sua identidade. De outro lado, temos a voz do violino, entrelaçada com a ação. A música e o violinista são também personagens desta peça, e atuam diretamente na ação dramática.

Somos inspirados na concepção de Vsévolod Meierhold quando utilizamos a música não como fundo, mas como base para a composição cênica. A ideia de que a música é uma personagem da ação tem princípio nesta fundamentação. O encenador pedagogo russo, nas primeiras décadas do século 20, transforma a relação entre o teatro e a música. O “novo teatro exigia uma música originada pela cena, e intrinsecamente ligada à encenação” (1909). A música não entra em cena para somente criar atmosfera ou ilustrar, mas para sonorizar o todo e estruturar o arco da ação dramática. Mesmo no silêncio a música está lá, sustentando dinamicamente as pausas, marcando a pulsação e o tempo.

A experiência extensionista com a peça “A Atriz” evidencia o poder do teatro como território de memória e poesia. Ao revisitar a repressão vivida por artistas durante a ditadura militar e ao dialogar com músicas emblemáticas do período de

repressão exploradas pelo timbre do violino, propomos ampliar a reflexão e o alcance artístico. O cruzamento entre teatro e música promove experiências poéticas e estéticas que resistem ao esquecimento.

## **2. METODOLOGIA**

A peça “A atriz” contempla um fragmento do texto “Galeria Cassandra”, da escritora Patrícia Silveira, que foi primeiramente apresentada na disciplina de Montagem Teatral II, em 2023, de forma adaptada pela professora diretora Giselle Cecchini. Nina Grace Baptista, protagonista da peça, dialoga poeticamente com o violinista Estevão Santana. A peça apresenta a personagem em seu camarim logo antes de entrar em cena. Ela conta que volta a atuar após anos de afastamento dos palcos devido a ditadura militar. Enquanto veste a personagem reflete sobre o que significa dar vida a uma personagem e sobre o que é o teatro.

Com encontros semanais, na Sala do Núcleo de Teatro UFPEL, localizado na rua Coronel Alberto Rosa 580, a peça foi ajustada para a nova configuração cênica e suas ações. No processo de criação, investimos na improvisação com o violino e na forma com que a música poderia estruturar a ação, influenciá-la, provocá-la, como que num diálogo com a atuação da atriz. Como atuante do instrumento, busquei as vozes do violino e as tessituras condizentes com a temática da performance.

O processo de inserção do violino no monólogo começou a partir do entendimento de que o instrumento tocando músicas do período da ditadura, como “Fé cega, faca amolada”, de Milton Nascimento, e “Roda Viva”, de Chico Buarque, seria como a voz de tantos artistas que foram silenciados por esse doloroso período da história brasileira. A interação da atriz com o violino remete à ideia de que ela, mesmo após voltar do exílio, está no palco novamente dando voz aos que não estão mais ali para falar sobre a violência, e lembrando sobre a tentativa de apagamento que sofreram. Por outro lado, vemos a atriz falar sobre sua profissão, seus sonhos, ao mesmo tempo que questiona os que não alcançam o entendimento sobre as artes e a importância dos artistas.

A peça foi apresentada em diferentes lugares, dentro e fora da universidade, pois sempre estivemos atentos aos propósitos extensionistas. Passamos por vários processos desde a primeira montagem, e ainda temos a peça em nosso repertório.

A primeira apresentação foi na abertura do Prédio 3, do Centro de Artes da UFPEL, em 08 de agosto de 2024. A inauguração do novo prédio dos cursos de Teatro e Dança foi um grande e importante acontecimento, com a presença da Reitoria e muitos convidados importantes, e gerou muita emoção. A segunda apresentação aconteceu no Museu do Doce, em 28 de setembro de 2024, na 18ª Primavera dos museus, e foi um evento maravilhoso, pois tivemos que fazer duas sessões. A terceira apresentação aconteceu na Sala Preta, com a Mostra de teatro para escolas, em 18 de março de 2025. A apresentação foi muito intensa para os jovens que relataram sobre a emoção e a importância da peça e o impacto causado. Em diferentes momentos, a peça também foi aberta ao público em processo de ensaio, na Sala do Núcleo de Teatro UFPEL.

## **3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS**

A dinâmica interna do enredo se estabelece na relação dialógica da atriz com o violino. A ação dramática revelava-se no “entre” a personagem e o som do violino. O movimento, o deslocamento, o texto, a ação da atriz tornaram-se *música*

*plástica*. Neste sentido, reconhecemos a teoria do contraponto que é formulada por Meierhold, nos anos 1930, entendendo a ideia de que “um ator autenticamente musical conserva exteriormente a liberdade de seu comportamento teatral, mas, de fato, esteja ligado à música durante todo o tempo em um complexo contraponto rítmico (VALLIN apud MARIA THAÍS, 2009). A aplicação desses princípios musicais serviu para o estímulo da ação física e vocal da atriz.

Na última versão da peça, duas músicas aparecem como fundamentais nesta estruturação da ação e do monólogo da atriz, desdobrando e ampliando as significações da cena. Uma delas é “Roda Viva”, de Chico Buarque (1967), que reconhecemos como um hino da resistência cultural durante a ditadura. A metáfora da roda-viva é uma crítica à organização social e a repressão do regime militar.

A outra música, “Fé cega, faca amolada”, de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos (1976), remete, em seu contexto, à determinação e à força necessárias para enfrentar os desafios da vida. Neste entendimento, a atriz, que está voltando para os palcos, volta também para a luta, lembrando das suas personagens e enfrentando suas lembranças.

As duas músicas estruturam e pontuam a opressão e o silenciamento durante a ditadura civil-militar no Brasil. Nove anos separam as duas composições, mas elas se encontram na peça e, de algum modo, trazem energia, esperança, incentivo às lutas sociais, e fé por dias melhores. Através do texto, do diálogo entre uma atriz, um músico e o público, aliados na presença, experienciamos o teatro.

A experiência extensionista com a peça “*A atriz*” evidencia o potencial do teatro como espaço de memória, resistência e formação cidadã. Ao revisitar a repressão vivida por artistas durante a ditadura militar e ao dialogar com a música Fé Cega, Faca Amolada, interpretada ao violino, a proposta amplia sua força simbólica, entrelaçando palavra e som em um chamado coletivo à reflexão.

Esse cruzamento entre teatro e música reafirma o papel da universidade como promotora de experiências críticas e estéticas que resistem ao esquecimento. Nesse sentido, a extensão universitária se consolida como campo privilegiado de articulação entre arte, sociedade e educação, fortalecendo a compreensão de que a liberdade de expressão e os direitos humanos são conquistas históricas que precisam ser continuamente defendidas.

Muitos aspectos foram importantes nesse processo de criação do trabalho: os ensaios, o estudo, a pesquisa e as apresentações ao longo dos meses. O retorno para a Sala do Núcleo após as apresentações, para os ajustes na performance – mesmo que de forma sutil –, para analisar o trabalho feito, e possíveis mudanças, foram fundamentais para a maior fluência e intimidade na interpretação e até mesmo no ‘texto-melodia’. Com o tempo, foi possível perceber a evolução, as cenas ganharam maior organização e precisão, os personagens se conectaram de forma mais profunda e a comunicação com os espectadores se tornou mais eficaz.

Também percebemos a importância do erro. As falhas não foram vistas como fracassos, mas sim como oportunidade de aprimoramento e crescimento. A importância da continuidade e maturação de um trabalho, o tempo, é fundamental para a solidificação e estruturação de uma cena/performance.

Não foi um processo linear, houve dias de grande produtividade e outros de dúvidas e reformulações. Uma sonoridade musical moldada a partir de improvisações, escolhas da qualidade sonora – tons, intensidades, durações, melodias, repertório –, além dos estudos do texto para poder atuar e contracenar com a atriz.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

Esse tempo de trabalho nos mostrou que o teatro é uma arte viva, em constante transformação, seja no palco ou fora dele. Dentro de cada indivíduo que entra em contato com a cena teatral cresce uma semente. Transformamos e nos posicionamos frente àquilo que nos atravessa e provoca, inspira e emociona.

Encontrar a voz do violino na montagem teatral ‘A Atriz’, aprender a dialogar e agir a partir do instrumento foi uma experiência incrível, repleta de descobertas e aprendizados. A música está em toda parte, ela é fundamental na vida e integra o ser. A música se faz presente nos silêncios. Ela estrutura nossas ações na performance teatral. E o teatro não se faz apenas no palco, mas também na sala de estudo, com diálogos, experimentações, e tempo para o aprofundamento do trabalho artístico. Primordial, o teatro é um exercício de paciência, coragem e amor.

Ouvimos relatos de pessoas que nunca tinham visto de forma presencial um violino sendo tocado, ou uma peça de teatro. Por isso ele reclama sair da universidade e se festeja em projetos de extensão. São de grande importância pois aproximam a comunidade da universidade.

“A Atriz” é um grito contra o apagamento, uma celebração da arte como ato de sobrevivência e um convite ao público para refletir sobre a função do artista na sociedade. O teatro e a música são, para nós, memória e resistência, e entendemos a importância fundamental de compartilhar experiências artísticas com a comunidade, promovendo a fruição estética e o pensamento crítico.

*“Tem dias que a gente se sente como quem partiu ou morreu”.*

*“Vai ser, vai ser, vai ter que ser faça amolada”.*

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUARQUE, Chico. **Roda Viva** [música]. In: Roda Viva. [S. l.]: RGE Discos, 1966.

MARIA THAIS. **Na Cena do Dr. Dapertutto**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MEYERHOLD, Vsévolod. **Do Teatro Vsévolod Meyerhold**. São Paulo: Iluminuras, 1912.

NASCIMENTO, Milton; BASTOS, Ronaldo. **Fé Cega, Faça Amolada**. In: MINAS. [S.l.]: Som Livre, 1975.

SILVEIRA, Patrícia. **Galeria Cassandra**. In: Liberdade. Rio Grande: Concha, 2022.